

11591 - Tecendo alternativas: novidades e desafios na feira agroecológica de Mossoró

Weaving alternatives: innovations and challenges in the fair agroecológica of Mossoró

ARAUJO, Joaquim Pinheiro¹; BEZERRA, Danielly Cristina Farias; VIANA, Mairla Germana Pitombeira; DANTAS, Raquel Andrade³; SILVA, Sabrina Aiêcha de Oliveira; GÓIS, Sarah Raquel de Paula²

1 Profº Dr. Deptº Agrotecnologia e Ciências Sociais - UFERSA joaquim_rn@ufersa.edu.br; ² Graduandas em Engenharia no curso de Agronomia - UFERSA, daniellybezerra53@yahoo.com.br; mairllagermana@hotmail.com; sabrina_aiecha@hotmail.com; sarah.raquel20@yahoo.com.br; ³ Graduanda no curso de Medicina Veterinária – UFERSA; raquel_medvet@hotmail.com.

Resumo

Pensar integralmente e de forma sistêmica o processo de autonomia da agricultura familiar camponesa, partindo da produção e tendo como horizonte, além da diversificação da alimentação familiar, a comercialização direta, criando cumplicidade entre produção e consumo significa buscar uma maior sustentabilidade produtiva, social e econômica. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência de processos de transição para uma agricultura de base ecológica a partir da Feira agroecológica de Mossoró. Para essa investigação foram utilizadas algumas categorias analíticas que acredita-se ser essencial para o processo de transição agroecológica que aponte para a emancipação, tais como autonomia, identidade, resistência e elaboração de projeto de superação. Assim, apresenta-se os diversos avanços e obstáculos dessa iniciativa, demarcando um hiato entre aquilo que está idealizado e concebido e o que está concretizado até o momento.

Palavras-chaves: Agroecologia, economia solidária, processos sociais.

Abstract:

To think integrally and of form sistêmica the process of autonomy of the agriculture family farmer, leaving of the production and tends as horizon, besides the diversification of the family feeding, the direct commercialization, creating complicity between production and consumption means to look for a larger sustentabilidade productive, social and economical. This work has as objective contemplates about the experience of transition processes for an agriculture of ecological base starting from the Fair agroecológica of Mossoró. For that investigation they were used some analytic categories that it is believed to be essential for the process of transition agroecológica that appears for the emancipation, such as autonomy, identity, resistance and elaboration of superação project. Like this, he/she comes the several progresses and obstacles of that initiative, demarcating a hiatus among that that is idealized and become pregnant and what is rendered until the moment.

Word-keys: Agroecologia, solidary economy, social processes.

Introdução

A exemplo de várias experiências, a construção de feiras agroecológicas tem se constituído como instrumento de reflexão e vitalização do processo em curso de fortalecimento da agricultura de base ecológica desenvolvida por agricultores/as e apoiado por entidades de assessoria que buscam contribuir para que essas ações ganhem maior espaço na sociedade.

As feiras tem se constituído em uma novidade na forma organizativa em que todo o complexo processo de produção e comercialização é colocado em questão, gerando um movimento de produção e consumo desconectados das redes global dos impérios alimentares (PLOEG, 2008). Assim, busca-se romper com a concepção da agricultura, baseada nos pacotes tecnológicos para uma alternativa centrada nos potenciais endógenos, construindo um imbricamento entre consumo familiar e comercialização, potencializando uma relação entre produtores e consumidores como parceiros.

Os parâmetros utilizados para investigar a Feira agroecológica de Mossoró estão referenciados nas categorias de autonomia, identidade e resistência como pressupostos para o êxito do movimento de transição agroecológica como alternativa à lógica da produção agropecuária do agronegócio que tende a marginalizar o segmento camponês.

Conforme Almeida (1998), a autonomia, em contraposição ao processo de heteronomização, não pode ser vista com algo retrógrado, mas como uma lógica que se coaduna com a dimensão da resistência capaz de frear o processo de marginalização ao qual está ameaçada a produção camponesa. Nesse sentido, agarrar-se as tradições e tentar recuperar modos, mesmo parecendo reforçar enclausuramento do mundo moderno é uma expressão de uma manifestação que foi ocultada pelas formas sociais e produtivas da agricultura moderna.

Carvalho (2002) afirma que para os camponeses que enfrentam o estágio atual do capitalismo, são necessários novos referenciais para que não sejam sucumbidos por essa dinâmica. Para tanto, é preciso que essas famílias readquiram esperanças e vislumbrem uma nova utopia para reafirmar sua identidade social camponesa.

As formas de resistência a partir da afirmação da identidade partem de um processo de reversão de valores, tendo como objetivo excluir quem e o que lhe exclui. Surge na sociedade em REDE, que impõe padrões comuns, mas propicia reações locais, marcadas pela ampliação de novas práticas sociais a partir das identidades (CASTELLS,1999).

A autonomia e resistência a partir do poder da identidade está alicerçado em três parâmetros: **Práticas de consumo:** evitando hábitos tipicamente urbano, o que contribui para acelerar a crise de identidade camponesa; **Práticas de produção:** trabalhando a dimensão tanto a montante como a jusante do processo produtivo, através da produção de insumos e gêneros alimentícios produzidos localmente; **Concepção de mundo:** refletir a dimensão relacionada com o funcionamento da sociedade contemporânea, contribuindo para a compreensão das causas que determinam o processo de crise de identidade do campesinato.

Partindo desses pressupostos, foi analisado a feira agroecológica de Mossoró, criada em 2007. Ela já era acalentada por um conjunto de agricultores/as, mas só se concretizou em junho desse ano. Esse processo está no bojo de um amplo movimento estadual de fortalecimento da agroecologia no estado. Essa dinâmica vem sendo fomentada por entidades que compõem a Rede Parda, além da Rede Xique-Xique, SEBRAE e alguns apoios financeiros do governo federal.

O primeiro passo foi a formação de um grupo de vinte famílias que participaram de cursos no intuito de contribuir para que compreendessem o desafio, e, a partir disso, construíssem estratégias da produção até toda a logística da feira. Para tanto, foi constituída uma associação para dar suporte a essa iniciativa. O SEBRAE também disponibilizou parte da infraestrutura como as barracas e o sistema de produção através do PAIS (Produção Agroecológica Integrada e sustentável).

A feira se realiza aos sábados e inicia na madrugada com a chegada dos feirantes e dos consumidores. Das vinte famílias que começaram, saíram oito que alegaram dificuldades. As doze restante, afirmaram estarem conscientes dos desafios, mas animadas com a feira. Elas têm um certificado confirmando que praticam agricultura ecológica.

Foi percebido a existência de um hiato entre o que está sendo produzido e a procura pelos consumidores. Logo nos primeiros momentos, a maioria dos produtos, principalmente os *in natura* (frutas e verduras) acaba, sobrando os beneficiados como o mel e a castanha. Isso demonstra uma insuficiência da capacidade produtiva e um grande potencial de expansão da feira.

Para seus integrantes, mesmo reconhecendo as dificuldades existentes na produção, a feira tem tido avanços significativos nos seus quatro anos. Pode-se dizer que já é uma realidade, tanto para os agricultores como para os consumidores. Nesse período, conseguiram criar vínculo e cumplicidade produção/consumo, que pode ser comprovado na relação e frequência continuada.

Metodologia

Esse trabalho é fruto da formação de um grupo de pesquisa da UFERSA, que vem analisando a história dessa feira. Foram feitas visitas para entender sua dinâmica e entrevistas semiestruturadas com os agricultores/feirantes abordando o todo o processo e incorporando toda a cadeia, desde os desafios da transição agroecológica, passando pelo processamento até a comercialização, momento mais efetivo da relação entre produtor/a e consumidor/a. Foram também entrevistados alguns consumidores no intuito de perceber a avaliação deles. Além disso, o grupo de pesquisa fez leituras sobre outras feiras agroecológicas para subsidiar essa pesquisa.

Limites, desafios e perspectivas

Durante a construção desse trabalho, notou-se uma série de limites no processo produtivo, o que reflete na quantidade dos produtos oferecidos na feira. As dificuldades vão desde a aquisição das sementes, pois ainda, na sua maioria, continuam tendo que comprá-las no comércio, passando pelo manejo das práticas ecológicas e insuficiente integração entre plantio e criação em que um potencialize o outro, dando alternativas de

produtos de origem animal e vegetal.

Uma das perspectivas do grupo é também abranger outros espaços como os Programas Compra Direta e Merenda Escolar. Acreditam que isso daria mais condições para investimento no processo produtivo e beneficiamento de uma parte da produção que agregue valor, visto como estratégico para melhorar a renda dos participantes, além de oferecer uma maior variedade de produtos aos consumidores.

As novidades dessa feira precisam ser observadas para além da escala quantitativa do que estão produzindo e comercializando. O seu formato tem elementos muito distintos do modelo convencional que prevalece, pois aqui os agricultores são sujeitos do processo. Por isso, têm muitas possibilidades de avanço, em comparação ao estágio atual. Percebeu-se que essas famílias estão empolgadas e abertas aos desafios a partir de suas participações em espaço de formação e intercâmbios.

Sem desconsiderar os limites, é possível perceber que os brotos da transição para esse grupo já podem ser vistos. Se eles vão vingar dependerão de muitos fatores, tais como, desses sujeitos ganharem mais adeptos para se tornarem também sujeitos. Dessa forma, ganhariam mais força para sensibilizar segmentos da sociedade e capacidade de pressão, para que as variadas políticas públicas para agricultura camponesa, saltassem do papel e se efetivassem na vida real.

Bibliografia Citada

ALMEIDA, Jalcione. **A construção social de uma nova agricultura**. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 1999.

_____. **A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado**. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2003. Disponível em <<http://agroeco.org/brasil/material/agrocobrasil-jalcione.pdf>>. Acesso em 20 out 2006.

CARVALHO, Horácio M. **Comunidade de resistência e de superação**. Curitiba, 2002. (Mimeo)

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: econômica, sociedade e cultura; Vol. 02. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

PLOEG, Jan D. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na Era da Globalização**. Porto Alegre. UFRGS Editora, 2008.

Apenas para bibliografia citada.

Espaço simples, sem espaço entre as citações e sem recuo.
Seguir Abnt 2002 – (NBR 6023/2000)